

Comentário VI

Ronald Raminelli

Universidade Federal do Paraná

No *Dossiê: a história do corpo*, Mary Del Priore demonstrou ter um domínio extraordinário sobre esta nova perspectiva historiográfica. O artigo possui o grande mérito de divulgar estudos recentemente publicados na Europa e Estados Unidos e incentivar novas pesquisas em torno do tema. O vasto conhecimento está implícito na sua estrutura. A autora dividiu-o em quatro partes: 1 - preocupações atuais, com a saúde e a ecologia, motivando o surgimento de um novo campo de estudo; 2 - a história da sexualidade como antecedente para a história do corpo; 3 - a história do corpo *tout-court*; 4 - especificidades metodológicas. Em princípio, a estrutura pareceu-me ideal, pois reunia aspectos diversificados e demonstrava a complexidade da temática: motivação, produção e metodologia.

Contudo, o *Dossiê* mais relata do que organiza, descreve mais do que analisa. A enorme quantidade de trabalhos e o ordenamento da exposição promoveram um estilhaçamento do corpo e de suas abordagens historiográficas. A autora deveria conceder maior ênfase aos grupos temáticos, reunindo estudos com abordagens semelhantes ou com mesma filiação metodológica. O procedimento permitiria uma melhor visualização das atuais tendências. A última parte, dedicada à metodologia, seria o momento ideal para abordar as influências teóricas sobre a historiografia e responder perguntas do tipo: por que os historiadores conceberam o corpo enquanto objeto anatômico, sujeito a doenças e intempéries; ou como objeto de controle e doutrinação; ou ainda como representações, capazes de expressar significados? Esta tipologia, certamente, realizaria um melhor ordenamento dos trabalhos e auxiliaria o leitor a mapear o novo campo historiográfico.

A falta de sistematização detectada no texto de Mary Del Priore é uma constante nos trabalhos dedicados a delimitar esse campo historiográfico. No entanto, o *Dossê* possui uma vantagem sobre as demais tentativas de circunscrever a história do corpo, pois reúne trabalhos que se desvinculam das histórias da sexualidade, da mulher e do gênero. A autora fornece, por conseguinte, elementos preciosos para uma reflexão em torno das especificidades da história do corpo, assunto abordado mais adiante.

Em busca da especificidade

Em 1974, um artigo pioneiro sobre a história do corpo foi publicado na coletânea *Faire l'histoire: nouveaux objets*. Os autores, Jacques Revel e Jean-Pierre Peter, comentam o silêncio em relação ao corpo nos estudos sobre doença. Na tradição ocidental, o discurso médico, e mesmo historiográfico (demografia histórica sobretudo), desprezaram a "palavra nascida do corpo". A prevalência da alma promoveu o sufocamento das experiências corporais, sendo elas consideradas enganadoras e ilusórias. Assim, conclui o artigo, toda palavra ordenada e institucionalizada pretende negar o corpo.

Concebida por intermédio de documentos dessa natureza, a história tende igualmente a reafirmar o estigma, ao invés de desmascará-lo (Revel & Peter 1974: 169-191). Os historiadores não realizaram, portanto, uma crítica documental, capaz de refletir sobre a submissão, cara à tradição ocidental, da alma sobre o corpo, do pensamento sobre os prazeres da carne. Nesse sentido, o estudo de Mikhail Bakhtin sobre Rabelais tornou-se pioneiro, pois inaugurou uma vertente dedicada ao estudo do grotesco e das atitudes próprias do baixo corporal (Bakhtin 1987).

Apesar do excesso de metáforas vazias, o artigo de Revel & Peter realizou uma avaliação consistente sobre a longa ocultação do corpo e das condutas corporais, sobretudo nos estudos dedicados às doenças. Porém, não aponta os caminhos para reverter o processo. Constata o vazio e deixa indefinido o novo "terreno". Os autores nem ao menos esboçam uma metodologia, capaz de driblar as armadilhas impostas pela documentação. Enfim, a história do corpo pouco se beneficiou desse trabalho, pois o campo de estudo ainda permanecia imerso nas "brumas da tradição ocidental". O grupo dos *Annales* visitaria, anos depois, o mesmo tema.

Jacques Revel assinou o verbete *corps* em *La nouvelle Histoire*, publicada em 1978. Nele o historiador assumia que a história do corpo ainda era um campo de estudo em construção: "*soumis aux questionnaires croisés du biologiste, du médecin, du démographe, du sociologique ou de l'anthropologue, le corps historique demeure un objet problématique, au moins provisoirement, et que reste à construire*" (In: Le Goff, Chartier & Revel 1978: 89). Após constatar a indefinição do tema, Revel aponta a demografia histórica e as reflexões teóricas de Marcel Mauss, Michel Foucault e Norbert Elias como inspiração para os estudos em andamento.

As influências de Michel Foucault e Norbert Elias sobre a historiografia foram também comentadas por Mary Del Priore em "A história do corpo e a Nova História: uma autópsia" (Del Priore 1994). Sob essas perspectivas muitos

trabalhos foram produzidos. Porém, considero que os conceitos de sexualidade (Foucault) e de civilização (Elias) dificultaram a definição de um campo de estudo propriamente dedicado ao corpo. Ao empregar essas referências, os historiadores valorizaram uma abordagem no âmbito da sexualidade e dos padrões comportamentais, relegando ao corpo o papel de coadjuvante. Mais uma vez, silenciaram "o testemunho corporal" e valorizaram as formas de coibi-lo, de regrá-lo e submetê-lo aos princípios da alma.

Jean-Louis Flandrin, Peter Brown e Thomas Laqueur, por exemplo, não elegeram o corpo como objeto central de seus estudos. A "autópsia" promovida por Del Priore encontrou sobretudo a história da sexualidade. Somente nos interstícios do texto pode-se rastrear o corpo como objeto. Nesse artigo, as fronteiras do novo território pareceram-me fluidas, tênues e, por vezes, quase imperceptíveis. Os estudos confundem-se com as histórias da sexualidade, da mulher, do gênero e dos costumes e poderiam, sem constrangimentos, receber uma dessas denominações.

Jean-Louis Flandrin, em *O sexo e o Ocidente*, aborda os debates morais provenientes do Concílio de Trento e enfatiza as normas prescritas para as condutas sexuais tanto matrimoniais, quanto extraconjugais. De forma rigorosa e severa, a Igreja atribui-se o papel de regular o uso dos prazeres e restringir as funções sexuais ao ato de procriação. O primeiro capítulo da obra, intitulado "Para uma história da sexualidade", já esclarece a opção temática do autor. (Flandrin, 1988). Peter Brown, em *Corpo e sociedade*, estuda a renúncia sexual propalada pelos círculos cristãos entre os séculos I e V d.C. Apesar do título, a obra aborda temas como sexualidade, casamento, continência, celibato e virgindade perene no mundo romano, no judaísmo e na Igreja Primitiva. O autor pretende ainda destacar como a renúncia sexual em questão difere profundamente daquela encontrada no catolicismo medieval e na era moderna. Para o cristianismo primitivo, o corpo teria que se livrar do jugo do mundo animal. Para tanto, a sexualidade, os impulsos juvenis do desejo, deveriam ser recusados. Os cristãos colocariam fim ao casamento e ao parto, promoveriam, segundo Galeno, a ruína da sociedade e estabeleceriam o fim dos "tempos atuais": "A renúncia sexual poderia levar o cristão a transformar o corpo e, transformando o corpo, a romper com a disciplina discreta da antiga cidade" (Brown 1990: 37).

Enfim, esses trabalhos voltam-se superficialmente para o estudo do corpo. Ambos poderiam perfeitamente ser classificados como história da sexualidade. Neles o novo território não se tornou autônomo, pois as análises estão submetidas ao conceito de sexualidade e civilização provenientes de Michel Foucault (no caso de Brown) e Norbert Elias (no caso de Flandrin), respectivamente. Na historiografia mais recente, porém, o tema do corpo começa, lentamente, a se esboçar como território, como "terreno". Em *Making sex*, Thomas Laqueur enfoca os modelos de corpo, desde os gregos até Freud (Laqueur 1990). Entre a Antigüidade e o século XVIII, só havia um modelo, o corpo masculino. Para os testemunhos da época, o corpo feminino possuía o órgão reprodutor voltado para dentro e pouco diferia do modelo masculino, apesar de ser considerado inferior. O enfoque do autor, porém, recai sobre o feminino, enquanto a construção social do sexo masculino não recebeu a devida atenção. O tema central da obra é como o corpo feminino tornou-se autônomo a partir do século XVIII. Laqueur, portanto,

realizou um estudo que seria melhor classificado como história da mulher ou do gênero, apesar de recorrer ao tema do corpo para visualizar a relação entre homens e mulheres. Enfim, a autópsia realizada por Mary Del Priore localizou um corpo ainda tímido.

No *Dossiê*, a autora tece comentários importantes sobre a indefinição do tema na historiografia dos anos 70 e 80 e destaca a ênfase na vigilância moral e controle dos desejos, como no trecho abaixo:

Personagem secundário, o corpo ainda não era o centro da metáfora, ponto de fusão entre o real e o imaginário. Sobre seus odores, formas, gestos e ruídos não se estabelecera, ainda, um discurso de crenças e medos. O problema não era a falta de fontes documentais, mas sim, as perguntas que se colocavam às fontes. Neste momento, os historiadores preocupavam-se mais em questionar as relações entre a vigilância moral e a articulação do desejo...

Tais objetos consagraram os historiadores europeus, cujas obras passaram a freqüentar as listas de *best-sellers* mas silenciaram o outro: o corpo, ele mesmo.

No entanto, o problema em torno da definição ainda persiste. Nele, Mary Del Priore teceu um surpreendente comentário sobre o trabalho de Flandrin, pois considerou-o como inaugurador de uma nova vertente historiográfica: "O corpo, personagem secundário destas tantas histórias (pois estudava-se aí a sexualidade) fez sua entrada na Idade Moderna pelas rigorosas mãos, e de pesquisas, de Jean-Louis Flandrin". A partir dessa afirmativa, devo concluir que a história do corpo confunde-se com a história da sexualidade. O estudo das normas em relação ao coito transformou-se em estudo do corpo. A frase da autora, por conseguinte, cria sérios embaraços para uma definição do campo de estudo.

A afirmativa é desconcertante e dificulta a busca de uma especificidade. Talvez, a autora não pretendesse abordar esse problema no *Dossiê*. No entanto, considero-o da maior importância, e todos os meus comentários objetivaram refletir sobre a questão.

Uma possível tipologia

Enfim, a história do corpo existe como um tema autônomo?

A dúvida demonstra que o novo campo histórico ainda está em gestação. As várias influências não se mesclaram para dar origem a uma vertente autônoma. A meu ver, denominar como história do corpo estudos sobre a mulher, a sexualidade, o gênero e os comportamentos pouco contribui para elucidar a questão. Considero tal prática um anacronismo, pois Flandrin, por exemplo, entre os anos 70 e 80, dificilmente elegeria o corpo como tema central de sua pesquisa. Em compensação, trabalhos mais recentes, como o de Thomas Laqueur (1990) e vários outros enumerados no *Dossiê*, apontam para a consolidação de um objeto específico da história.

O caminho mais sólido para discutir a questão é criar tipologias e mapear os trabalhos. Nesse empreendimento, visualizam-se as filiações teóricas e as possibilidades de autonomização da temática. No artigo "História do corpo",

Roy Porter apontou sete ramos possíveis de pesquisa: 1 - O corpo como condição humana; 2 - A forma do corpo; 3 - A anatomia do corpo; 4 - O corpo, mente e alma; 5 - Sexo e gênero; 6 - O corpo e o corpo político; 7 - O corpo, a civilização e seus descontentes (Porter 1992: 320-326). O autor nem sempre fornece informações detalhadas sobre as divisões propostas. Alguns temas, portanto, ficaram indefinidos. Mesmo assim, considero a tentativa um importante passo para debater o tema da especificidade e recorrerei à mesma estratégia para finalizar os meus comentários.

A minha proposta de tipologia recorrerá, por vezes, aos trabalhos reunidos por Mary Del Priore no *Dossiê*. Por intermédio de grupos temáticos, tentarei sistematizar (de modo precário) as atuais tendências historiográficas, propor pesquisas possíveis e refletir sobre a especificidade da história do corpo. Não pretendo esgotar um assunto tão complexo, mas fornecer elementos para o debate.

corpo biológico

O corpo biológico reuniria os trabalhos dedicados a analisar as doenças, a profilaxia, os esportes, as práticas corporais e suas influências sobre a anatomia humana.

As doenças serão abordadas pelo seu aspecto semiológico (semiologia médica), ou melhor, como as disfunções orgânicas e as moléstias foram detectadas por médicos e homens comuns. A aparência física dos doentes constitui uma forma de classificação social e, em muitos casos, de estigma. A lepra, as bexigas, a tuberculose e a AIDS podem ser detectadas por signos corporais. No âmbito dessa pesquisa ainda seriam incluídas a higiene corporal, a profilaxia médica e os esportes, como forma de cura, fortalecimento do organismo e contenção de epidemias, sempre referidos ao aspecto externo das formas humanas.

A voga dos exercícios físicos e da "construção" de um corpo perfeito é um campo inesgotável para a historiografia dedicada aos séculos XIX e XX. Mas os cuidados corporais são também preocupações de um passado mais remoto. Com apontou Del Priore, as longas viagens à Terra Santa inspiravam cuidados com o corpo. A arte da caça forjava corpos robustos, próprios da nobreza e, sobretudo, dos reis. A equitação e o manejo com a espada não devem passar despercebidos do historiador do corpo. O *Dossiê* ressalta o interessante e original estudo sobre a fisionomia do século XVI e acrescenta: "J. Raudière de La Roche mostra que os hábitos e as qualidades dos homens eram conhecidas pela semelhança entre algumas partes do corpo (estatura, cabeça, rosto) e aquelas de alguns animais".

Sobre o corpo biológico, resta lembrar o genial estudo de Marcel Mauss em torno das técnicas corporais. O sociólogo definiu-as como formas empregadas pelos homens para servir-se de seus corpos. As maneiras de manusear uma pá, de dormir, de descansar, de nadar constituem elementos característicos de uma sociedade, de grupos étnicos, capazes de distinguir franceses de ingleses, homens de mulheres. As técnicas corporais são frutos da tradição, dos condicionamentos sociais sobre os corpos: "Não há técnicas e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais..." (Mauss 1974: 217).

Enfim, o ramo *corpo biológico* surge da encruzilhada entre a biologia, a história da medicina e a sociologia de Marcel Mauss.

corpo doutrinado

O objeto desse ramo não é o doutrinamento ou o estabelecimento do autocontrole, associado à educação (religiosa e civil) e à disciplina familiar. A vertente *corpo doutrinado* estudaria as intervenções de regras morais sobre os corpos, por intermédio de penitências, torturas, deformações. Esse ramo volta-se para os ritos de passagem, martírios, castigos corporais, coibição e censura. As cartas dos missionários, os processos inquisitoriais e os relatos de torturas conduzidas pelos regimes militares seriam o *corpus* documental privilegiado desta vertente.

Entre os séculos XVI e XVII, os religiosos consideravam o martírio da carne como forma de se alcançar a salvação, de estar mais próximo de Deus. Para tanto, lançavam-se em missões perigosas, desbravavam territórios inóspitos, enfrentavam os protestantes e a morte. O martírio do corpo está documentado nas cartas, nos relatórios e em gravuras. Na documentação inquisitorial, particularmente nos relatos sobre os autos-de-fé, há a recorrência de castigos, torturas e modalidades de execução empregados pelos inquisidores sobre os corpos dos penitentes. O estudo de A. Redondo, comentado por Del Priore, aborda a importância de expor as penas ao público: "geralmente o suplício era público e é sobre esse lado espetacular do corpo supliciado, mutilado, decepado que A. Redondo se baseia para mostrar o quanto o terror e o medo são geradores de ordem".

A vertente *corpo doutrinado* também estudaria as torturas levadas a cabo pelo Estado contra os marginais, criminosos, contraventores e subversivos. As torturas para se obter confissões, para apontar cúmplices, atingiam os corpos, mutilados em nome da manutenção da ordem. Este ramo, certamente, beneficiar-se-ia dos estudos de Michel Foucault e Norbert Elias. Porém, o seu enfoque original seria deslocado para ressaltar o corpo como objeto de controle e purificação da ordem social.

corpo representado

Esse tema reuniria estudos sobre as imagens do corpo e seus significados. Há várias possibilidades de se explorar a polissemia dessas imagens, seja por intermédio do texto ou da iconografia. Os estudos teóricos provenientes da literatura e da história da arte seriam as grandes matrizes dessa vertente de estudo.

O historiador não deve, porém, perder o vínculo com o real, com a cultura e a sociedade em que o artista está imerso. A representação é uma abstração do real, uma reconstrução da realidade: a imagem possui pontos de coincidência com o concreto mas não constitui o seu duplo. A constituição da imagem surge, em princípio, do contato entre o produtor (da imagem) e a realidade. A partir desse princípio, o estudo da representação do corpo deve levar em conta o objeto (a materialidade do corpo), o produtor da imagem (o pintor) e os contextos mentais (a sociedade e a cultura).

Mary Del Priore apresenta-nos inúmeros estudos sobre as representações

do corpo, que não se restringem às análises provenientes da literatura e das artes plásticas. Os textos não-literários constituem fontes ricas em informações, capazes de fornecer subsídios aos estudiosos das obras artísticas. O cruzamento de fontes diferenciadas torna-se um procedimento indispensável para avaliar as especificidades das expressões artísticas. Por intermédio do confronto, torna-se possível detectar as relações entre os artistas e a sociedade, entre as representações provenientes da alta cultura e dos estratos menos privilegiados. Nesse desdobramento da história do corpo, as possibilidades e os enfoques de pesquisa são diversos.

Os historiadores poderiam explorar as variações do belo na literatura e na iconografia. A beleza masculina nos romances de cavalaria, as feições do homem burguês nos romances do século XIX, as composições físicas de personagens na literatura e o surgimento das formas femininas arredondadas na pintura barroca seriam temas da história do corpo. Nessa perspectiva, seria indispensável refletir sobre como os artistas representaram os povos não-europeus por intermédio dos cânones da tradição ocidental. Na coleção *Grandes viagens*, o gravador Theodor de Bry concebeu as índias tupinambás segundo os padrões de beleza das estátuas gregas, enquanto os guerreiros executavam gestos próprios dos cavaleiros medievais. A influência dos padrões de beleza europeus no romantismo brasileiro seria um tema fascinante.

Na composição de personagens, os artistas recorrem às formas corporais para expressar emoções, sentimentos, preconceitos e ideologias. O corpo como linguagem é um campo possível e quase inexplorado. Enfim, o corpo representado se destaca das demais vertentes, pois a materialidade não constitui o seu enfoque principal. O estudo de imagens do corpo – provenientes do texto e da iconografia – procura detectar mensagens traduzidas em traços, cores e luminosidades.